

# As singularidades de espaços culturais imersivos de leitura em uma experiência estética

*The singularities of immersive reading cultural spaces in an aesthetic experience*

**Olira Saraiva Rodrigues**

Universidade Estadual de Goiás  
[olirarodrigues@gmail.com](mailto:olirarodrigues@gmail.com)

## Resumo

Este escrito busca refletir sobre a leitura em espaços culturais imersivos, considerando, sobretudo, as transformações significativas com a inserção da tecnologia na experiência mesma. Partindo dessa premissa, considerar seu impacto e influência nas práticas sociais, as articulações entre os níveis culturais decorrentes dessa influência e, por fim, como os valores sociais são afetados, alterados ou (re)criados. A partir de revisão de literatura, a investigação aponta para o fato da percepção dos estímulos que vêm dos sentidos em uma perspectiva estética.

**Palavras-chave:** Espaços culturais, imersão, práticas de leitura, experiência estética.

## Abstract

*This paper seeks to reflect on reading in immersive cultural spaces, considering, above all, the significant transformations with the insertion of technology in the experience itself. Based on this premise, consider its impact and influence on social practices, the articulations between the cultural levels resulting from this influence and, finally, how social values are affected, altered or (re)created. From a literature review, the research points to the fact of the perception of the stimuli that come from the senses in an aesthetic perspective.*

**Keywords:** Cultural spaces, immersion, reading practices, aesthetic experience.

## Introdução

A leitura, como linguagem, possibilita o amadurecimento da cognição, das sensações, da percepção e, mesmo, do próprio pensamento. Tendo isso como premissa, o artigo abordará a leitura, que se utiliza de processos digitais, entendida a partir do desenvolvimento tecnológico, bem como do aprimoramento dos diversos meios de comunicação e dos avanços das práticas de leitura. Assim, a abordagem tem como objetivo desvelar algumas questões que envolvem o chamado espaço imersivo, para resvalar o espaço imersivo de leitura.

O estudo do artigo pretende versar como os espaços imersivos culturais – também nominados como espaços não formais de educação –, mencionados por Santaella (2013), o acesso livre e ubíquo, numa aprendizagem ubíqua, diante de nossas percepções e ações, nos afetam, tendo como princípio que essas tecnologias de linguagem produzem mudanças neurológicas e sensoriais que afetam significativamente nossas percepções e ações.

Esses sentidos serão encontrados por meio do acolhimento da obra pela afetividade. Ao propor um estudo de leitura nesses espaços, considera-se que o objeto de leitura permitirá novas configurações e incorporará novos significados no momento da fruição.

Assim, a proposta desta escrita tem o intuito de prospectar uma compreensão sobre a percepção de visualidades, interação, envolvimento, reação do receptor com as imagens e os processos de significação no contexto da cultura visual e midiática, entendendo estética como afetação, uma experiência adquirida pela sensibilidade, que se aprende a perceber a partir dos órgãos sensoriais e sua relação com os meios tecnológicos.

Os espaços imersivos, abrangentemente, dão um novo significado, reduzindo aquilo que é representado diante de seu envolvimento emocional. De acordo com Machado (2002), os espaços imersivos apresentam envolvimento total, adicionado à perda da noção de tempo e de espaço. Para Grau (2007), “a imersão é, sem dúvida, a chave para qualquer compreensão do desenvolvimento da mídia” (p. 30). Em se tratando de espaços imersivos de leitura, o envolvimento emocional associa-se mais notoriamente ao envolvimento cognitivo.

Diante de tal premissa, o artigo encontra desdobramentos na educação e na cultura em vários setores, principalmente na linguagem e na tecnologia. Um estudo de imagens e visualidades, com seus processos de recepção e produção de sentido. Um estudo para se debruçar nas práticas de leitura em espaços imersivos, como novo ambiente de envolvimento multissensorial.

## **1. Fenomenologia em exercício**

Diante de uma revisão bibliográfica, o estudo será fundamentado em um exercício fenomenológico de base hermenêutica. A Fenomenologia será embasada em Merleau-Ponty e a hermenêutica, um ramo da Fenomenologia, em Paul Ricoeur diante de suas três dialéticas: confronto, profusão e coerência, nem um verdadeiro exercício fenomenológico.

O espaço imersivo permeia o conceito de imersivo, de acordo com Murray (2003), diante da metáfora do mergulho e o conceito de líquido de acordo com Bauman (2003) sob a ideia de fluidez, a ponto de escorrer e deslizar se complementam, em contraposição à sociedade sólida dita pelo autor, que não tem resiliência e não se adapta às novas formas.

O processo de leitura, tratado como afinação da sensibilidade, com aguda percepção dos estímulos que vêm dos sentidos e a relacioná-los com conteúdos próprios, sendo que a percepção, segundo Merleau-Ponty (1990), só entende o objeto mediante a experiência que se tem com ele (sejam leituras, lembranças, vivências pessoais, informações obtidas...), cuja preocupação não é de se chegar à verdade, mas ao nascimento das coisas mesmas, na contradição da imanência e da transcendência. A

primeira como algo que está contido nele e não resulta de uma ação exterior e a segunda como um ato de ultrapassar, de ir além de, de superação.

O exercício fenomenológico possibilita sair da atuação intelectualizada automatizada. E, a Fenomenologia da leitura, segundo Ricoeur (1997), rompe com a ideia ilusória de que um texto é estruturado em si e por si, como se o ato de ler fosse um evento extrínseco ao texto. Tal compreensão refere-se ao fato de que a Fenomenologia tem seu ponto de partida no aspecto inacabado do texto literário e o texto só acontece no momento em que é lido. Um texto em vídeo, com recursos sonoros, visuais e textuais, por exemplo, terá seu ponto de partida a partir do instante em que for assistido. A interação entre o texto, seja de qual modalidade, com o leitor é que fará com que se transforme em uma obra, por assim dizer.

Embora a teoria da leitura presente no texto “Mundo do texto e mundo do leitor” de Paul Ricoeur (1997) se refira a textos literários, o autor, diante de sua explanação, possibilita uma aplicação ao estudo da recepção de textos de todos os gêneros, com formatos em quaisquer mídias, pois, para o autor, texto é tratado como qualquer objetivação humana.

Entendendo que a imersão independa da interatividade, pretende-se perscrutar a leitura como um trabalho de linguagem (semântica), tendo em vista por meio de Ricoeur (1997) que enquanto o autor do texto leva as palavras e o leitor a significação, tecnologicamente, será diante do mesmo viés que o sujeito receptor criará um diálogo com a obra, construindo-a, no ato interativo e/ou contemplativo. Rocha (2011) corrobora com Ricoeur (1997) ao assegurar que a atenção, concentração ou imersão, por ver, ouvir ou executar deste sujeito é o que complementar todo o processo.

Tal compreensão diante do ato de ler, remete a qual nível de afetação, que o leitor tem diante de um texto. Se a pós-leitura, a estase de desorientação gerou uma dinâmica de reorientação, sua significação – a passagem da configuração à refiguração. Pois, para Ricoeur (1997), a leitura não é o que o texto prescreve, apresenta, mas o que revela por meio da interpretação. Desse modo, leitura, para o autor, não é converter a verbo, mas a colheita de sentido.

Sob essa perspectiva, a Fenomenologia da leitura tem o mérito de superar as análises que se limitam aos textos, permitindo que o ato da leitura se liberte da leitura inscrita no texto, na busca de atingir o leitor real, o sujeito histórico e cultural que produz sentido apropriando-se dos textos, interpretando-os e dando réplica ao texto. Tal perspectiva reconhece os aspectos dialógicos da comunicação, uma leitura reflexionante.

A leitura, por assim dizer, é estética, na medida em que explora suas múltiplas formas como uma obra, ao agir sobre o leitor, o afeta. Assim, a leitura interrompe com o curso da ação, apresentando novos impulsos, que delinea uma análise em torno da aproximação entre a reflexão atual sobre o campo específico da comunicação e as reivindicações de novos modelos de compreensão do fenômeno estético, elaborando uma contribuição comunicacional.

Não importa o tipo de prática de leitura analisado – materialidade livresca, leitura na tela, leitura imagética ou leitura audiovisual – porque todos comportam uma estruturação interna de signos selecionados com base em um código específico. Porém, quando esse código é usado de forma incomum, fugindo da materialidade livresca, a maneira como se apresenta a obra chama a atenção pela sua força poética.

## 2. Práticas sociais da cultura digital

A cultura digital tem provocado significativas mudanças, inclusive, nas concepções de espaço e tempo e nas conexões sociais, provendo, precipuamente, transformações nas relações desses sujeitos contemporâneos com novas experiências de leitura.

De acordo com Martins (2018), tais práticas “demandam novos suportes tecnológicos interacionais que permitem a manipulação de documentos, de objetos multimídia, de transformações informacionais e de manipulação de fluxos comunicacionais altamente flexíveis” (p. 16).

Nesse cenário, a leitura acontece nas relações mediadas pelos aparatos tecnológicos que possibilitam maior interação por meio de uma linguagem fluida. Desse modo, essa leitura representa uma partilha de saberes, que de modo nenhum vê o seu ápice na posse e guarda, mas sim no acesso e compartilhamento. A leitura que vê a sua culminância no movimento que constitui uma interioridade aberta ao contato com a exterioridade, por meio de um contato que pode ser a possibilidade de instauração de toda estranheza e inquietude que nos leva para além de nós.

Uma leitura como diálogo com espaços imersivos digitais revela o compartilhar na luta contra todos os ferrolhos e labirintos da simples guarda. O sentido dessa leitura está em tecer uma contracorrente ao kronos, que é o tempo do mercado e do capital, que descontextualiza, esquadrinha, limita e fragiliza o conhecimento, possibilitando a cada pessoa viver o seu kairós, tempo favorável para se libertar e ser liberto, feito de imanência e transcendência, situando-se no mundo.

A leitura imersiva revela uma palavra que é livre e inalienável, palavra em fluxo e interação. Destarte, tem-se uma leitura que não se estabelece na materialidade livresca, mas como uma nova prática, concedendo a possibilidade de construir sentido(s) em outras perspectivas de leitura.

Por um lado, é impossível para um ator, mesmo que muito poderoso, dominar ou mesmo conhecer o conjunto dos fatores que contribuem para a emergência da tecnocultura contemporânea, até mesmo porque há novas ideias, novas práticas e novas técnicas que não param de surgir nos lugares menos esperados. Por outro lado, o devir da cibercultura simplesmente não é controlável porque, na maior parte do tempo, diversos atores, diversos projetos, diversas interpretações estão em conflito (LÉVY, 1999, p. 206).

Lévy (1999) esclarece que as novas práticas e técnicas da cibercultura, na atualidade, vislumbradas nesse escrito a partir dos espaços imersivos e interativos de leitura, reinventam a cultura, enquanto modo de comportamento social, redimensionando o tempo e o espaço com suas marcas e características próprias.

Enquanto suporte essencial do texto, o livro material manteve-se por muito tempo, sendo o principal objeto da experiência da leitura. Na contemporaneidade, a singularidade abre espaço para o espaço público, não diante da ruptura com a pragmática da leitura por meio do livro físico. No entanto, as implicações sociais pelo devir tecnológico, via mídias, se molda a partir de uma lógica da própria leitura digital imersiva em si.

A hegemonia do livro impresso, arraigada no seio da cultura de leitura, lança novos olhares, revirando os baús de outrora, despertando novas perspectivas e práticas de leitura, sem desatar práticas convencionais.

Nesse cenário, não há relações de conflito entre o livro histórico e o livro digital. Os livros físicos continuam sendo comercializados mesmo com a inserção dos livros digitais no mercado. Não se trata de uma visão apocalíptica, mas uma óptica de integração.

Um ponto importante neste artigo é que corrobora com experiência estética não ser apenas afetiva, mas também cognitiva. E sua intensidade se dar à proporção que as dimensões afetivas e cognitivas se entrelaçam.

A tecnologia tem possibilitado várias técnicas que interferem a produção criativa. Diante de experiências científicas, artísticas e culturais, a tecnologia de projeção digital em ambientes imersivos é um recurso inovador de comunicação para o público e, dado o seu poder de alcançar a emoção e as faculdades sensoriais do espectador, poderá servir de estudo de como essa tecnologia o afeta.

De acordo com Belting (2006), quando ele considera a imagem como experiência, se apropria de um panorama em que as linguagens se cruzam e convergem tecnologicamente, tanto na produção quanto em uma recepção cada vez mais marcada por uma simultaneidade de sensações. Para Belting (2006), a linguagem serve como um meio para transmitir imagens, sendo que as palavras estimulam nossa imaginação, enquanto a imaginação, por sua vez, transforma as palavras nas imagens que elas significam. Mais uma vez aqui, imagens e narrativas aproximam o campo da comunicação e das experiências estéticas.

Conforme o autor, o corpo, no caso o cérebro, é necessário para preencher as imagens com experiências pessoais e significado. O estudo resulta da ideia que a experiência é uma atividade e ocorre sempre num espaço de relações, de compartilhamento, em possibilidades de diálogos. Tais assertivas estão atreladas à experiência se faz imagem a ser lida, compartilhada, na dimensão dos fenômenos do ato de ler que vai desde a vida ordinária à experiência estética.

Assim sendo, o ambiente imersivo em um padrão narrativo e tecnológico apresenta novas formas narrativas com sistemas de visualização. Uma forma de capturar a atenção do receptor, dando lugar a uma nova comunicação com a linguagem e a estética digital. As formas de suas representações na cultura merecem ser pensadas em relação à tecnologia, receptor e formas narrativas.

### **3. Prospecções**

Enquanto provocação e reflexão, essa escrita propôs a pesquisa de práticas de leitura em espaços culturais imersivos, considerados espaços não formais de educação, se apropriando das revisões de literatura para fomentar uma compreensão.

Semelhantemente, as mídias têm avançado significativamente, emergindo outras tendências híbridas, convergentes e fluidas, enquanto meios, canais, veículos, mídias, em que se processam os signos verbais, não verbais e ideológicos. Tais tendências decorrem de avanços científicos e tecnológicos, como fontes de transmissão em processos comunicativos, com a inserção de uma política midiática de interação.

O propósito foi de inquietação, apontando como esses espaços imersivos de leitura são utilizados para se explorar visualidades, percepções, reações e níveis de interação, com a apropriação do conceito de experiência estética, que ultrapassa o comum e o cotidiano.

## Referências Bibliográficas

---

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BELTING, Hans. *Imagem, mídia e corpo: Uma nova abordagem à Iconologia*. Trad.: Juliano Cappi. Ghreb - Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. São Paulo, n. 08, p. 32-60, jul. 2006.
- GRAU, Oliver. *Arte Virtual: da ilusão à imersão*. Trad. Cristina Pescador, Flávia Gisele Saretta, Jussânia Costamilan. São Paulo: UNESP: Senac São Paulo, 2007. (Introdução, p. 15-32).
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MACHADO, Arlindo. Regimes de imersão e modos de agenciamento. Trabalho apresentado no NP07 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Audiovisual, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05/setembro/2002. Disponível em: <http://comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/home/Imersao%20e%20Agenciamento%20-%20Machadotexto5.pdf>. Acesso em: 10 mai 2019.
- MARTINS, Dalton. As práticas da cultura digital. In: *Ignições. Cultura e Pensamento: Cultura Digital e Economia da Cultura*. Orgs. ROCHA, Cleomar, MOURA, Magali Guedes de Magela. Goiânia. Gráfica da UFG, 2018.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Primado da Percepção e suas consequências filosóficas*. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- MURRAY, Janet H. *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. Tradução: Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural:Unesp, 2003.
- RICOEUR, Paul. Mundo do texto e mundo do leitor. In: *RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa*. Tomo III. Campinas, SP: Papirus, 1997. (273-314).
- ROCHA, Cleomar. Arte, ciberespaço e imersão. In *ANPAP, Anais, 2011*. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/cleomar\\_de\\_sousa\\_rocha.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/cleomar_de_sousa_rocha.pdf). Acesso em: 11 jun. 2019.
- SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação Ubíqua – Repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.